



CINEMA

LITERATURA

MUSICA

TELEVISAO

PENSAMENTOS

FALE CONOSCO

PIPOQUEIROS

busca

Ok



CINEMA

Cidade do Diabo

Por: Fábio Freire



A princípio *Cidade Baixa* parece mais um exemplar do cinema engajado que faz a alegria da crítica que reza para Glauber Rocha todo dia antes de dormir. Esse tipo de cinema de mão única tem como proposta mostrar o quão desgraçado é o ser humano. Enredo, direção e atuação ficam em segundo plano e o caráter panfletário domina a narrativa. Exemplos desse "cinema-tese" não são raros, vide os irregulares *Cronicamente Inviável*, *Contra Todos*, *Amarelo Manga* e o recente *Crash. No Limite*, que não é nacional, mas prova que Hollywood também sabe defender uma tese quando quer. Banhados em pretensão, esses filmes pecam ao tentar salvar não só o cinema mas a humanidade em geral. Na maioria das vezes o resultado é lastimável e tão interessante quanto um texto chato de sociologia. Mas para a sorte geral da nação, *Cidade Baixa* apenas flerta com o "gênero", preferindo centrar suas lentes no trio de protagonistas ao invés de mostrar todas as mazelas do mundo.

A pobreza e falta de perspectiva das personagens serve apenas de pano de fundo para o desenrolar da trama e a crescente tensão sexual entre os protagonistas, e não para discutir questões sociais. O filme conta a história de Deco (Lázaro Ramos) e Naldinho (Wagner Moura), dois inseparáveis amigos de infância que se apaixonam por Karinna (Alice Braga), garota de programa que quer achar, como tantas outras, um gringo rico em Salvador. A história não é nada mais do que isso, deixando de lado qualquer gordurinha extra, ou seja, subtramas desnecessárias e personagens coadjuvantes que roubam a atenção do público.



O roteiro enxuto privilegia os encontros e desencontros dos três e abre espaço, assim, para ótimas atuações. Nesse quesito, a grande surpresa é a quase novata Alice Braga, que compõe uma Karinna doce e sonhadora, ingênua e acima de tudo sensual. A atriz se entrega de corpo (e que corpo!) e alma à personagem e fica fácil perceber porque os dois amigos caem de amores pela garota. Wagner Moura demonstra a competência de sempre e até Lázaro Ramos deixa a afetação teatral de lado e entrega uma boa atuação. A relação entre os três é a força motriz do filme e o que, a princípio, não passava de brincadeira vai ganhando contornos perigosos ao longo da trama. Os dois amigos disputam, dessa forma, o amor e atenção da prostituta, que só percebe a dramaticidade da situação quando já é tarde demais.

A direção de Sérgio Machado, que estréia em longa-metragem de ficção, é segura e dispensa maneirismos. O diretor opta por uma narrativa linear e convencional, sem grande arroubos e pretensões estéticas, e acerta ao apresentar a história ao espectador sem recursos manipulativos. A edição não anela para um



ATUALIZAÇÕES

17/06 Van Damme, a redenção [JCVD]

17/06 Katie Melua [Katie Melua - The Katie Melua Collection]

28/05 Canto de casa para todos os pretos [Livia Lucas - Canto de Casa]

28/05 Da Lama ao Caos. [Chico Science & Nação Zumbi - Da Lama ao Caos]

17/04 Meio que tardio [Guns and Roses - Chinese Democracy]

DO MESMO AUTOR

Guerra dos Sexos [Sr. & Sra. Smith]

Louca Obsessão [Notas sobre um Escândalo]

A patricinha de Versalhes [Maria Antonieta]

Náufrago [O Terminal]

Bonequinha de luxo [Café da Manhã em Plutão]

LEIA TAMBÉM

06/11/2005 A arte, a cidade e um drink no inverno

19/03/2004 Se escrever o bicho pega, se roteirizar o bicho come [Braulio Mantovani, roteirista de Cidade de Deus]

24/08/2006 Retratos ilustrados das cidades [Cidades do Ouro (Marcelo Lelis)]

07/09/2006 Adaptação da peça de Brecht é estranha, nonsense, mas agrada [Teatro - Na Selva das Cidades]

10/09/2005 Ao baixar das

cortinas

a metania do espectador. Com recursos manipuladores, o filme não opera para um ritmo vertiginoso fácil e a fotografia evita retratar a Salvador turística, mostrando uma cidade suja e povoada por pessoas feias e comuns. Outro acerto é que a câmera na mão não é utilizada a exaustão, fugindo da estética documental que tanto fascina os diretores estreantes que querem ser de "vanguarda".

Cidade Baixa só perde um pouco de força ao terminar de forma banal e com várias pontas soltas. A tensão e o *close* no olhar das personagens deixa claro que aquela situação não pode ser resolvida tão facilmente, mas o final em aberto incomoda. Ainda mais porque o diretor insiste em levar o espectador a crer que a tragédia é a única solução como desfecho para a trama. Faltou apenas um pouco de coragem para levar adiante a proposta do filme.



09/11/2005

[Voltar](#)

Comentário dos leitores:

Nenhum comentário foi feito, seja o primeiro a comentar.

>> [Clique aqui para enviar seu comentário!](#)